



LÍNGUA CRIOULO GUINEENSE, FACTOR DE REPRODUÇÃO DO PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO DOS ESTUDANTES(UNILAB\CEARÁ)

Diana Duarte Sá¹
Natalia Cabanillas²

RESUMO

A língua crioulo guineense é discriminada pelos estudantes não guineenses na UNILAB, tendo em conta a percepção preconceituosa que existiu desde época da colonização sobre inferiorização das línguas africanas em específico o crioulo, e, que ainda existe e se encontra interiorizada nas mentes de maiorias dos estudantes da UNILAB. O objetivo do trabalho é apresentar os elementos, e as formas nas quais é produzido o preconceito contra crioulo pelos estudantes não guineenses, tendo como base das justificativas de suas discriminações, o fato da língua portuguesa ser o elo da comunicação de todos estudantes da UNILAB e como também da UNILAB ser um espaço da integração da lusofonia. A pesquisa baseou-se no método qualitativo, analisando de forma cuidadosa os estudos bibliográficos sobre, o berço do crioulo na época da colonização e escravidão; e os estudos bibliográficos sobre o uso do crioulo e da sua expansão depois da luta de libertação nacional da Guiné-Bissau; e por último, a importância da utilização das línguas africanas, em específico do crioulo guineense. Também a pesquisa contou com entrevistas feitas com estudantes de diferentes nacionalidades que compõem a UNILAB de 2022 á 20224, observações nos espaços universitário e fora dela (onde a comunidade acadêmica se encontram para realizarem outras atividades e lazeres, jogo, mercado, festas etc) e contou também com caderno de campo escrito desde 2022 até 2024. Os resultados presentes das observações etnográficas e das entrevistas, mostra que existe discriminação do crioulo pelo estudante não falante dessa língua, como também a pressão que falantes do idioma guineense sofrem para não usar crioulo dentro da universidade por não ser língua portuguesa e não ser considerada como uma das língua do mundo. Outro ponto que a bibliografia apresenta é a ligação do crioulo com guineenses, desde a luta da independência nacional até data presente, conexão este, que se encontra dentro do território guineense e fora dela nas diáspora(UNILAB).

Palavras-chave: crioulo; Unilab; Guiné-Bissau; estudantes.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Funcap\BPI, Palmares, Discente,
dianaduartesa@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, BPI\FUNCAP, Palmares, Docente,
nataliacabanillas@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo problematizar a discriminação linguística contra o uso do crioulo guineense produzida pelos estudantes da UNILAB\CE, a qual estes alunos vêm como uma língua africana falada por africanos, negando sua presença nos espaços universitários tendo essa ideia e história criada da época da colonização, sobre qual é a língua superior, qual língua mais prestigiosa e qual língua deve ser falada ou não. Em Guiné Bissau, o crioulo é falado por 90,4% dos habitantes, contra um 27,1% de pessoas que aderem ao português, segundo o censo de 2009 produzido pelo Instituto Nacional de Estatística.

A relevância do crioulo sucede apesar de ter surgido num momento de muito sofrimento e desumanização: que é na época da colonização e escravidão, no final do século XVI e para o começo de século XVII. Por outro lado, sua utilização apresenta também a resistência da existência, de pertencimento tanto dentro da universidade como também no espaço geográfico (Guiné-Bissau) e de ligação ao passado. Desta forma, o crioulo desempenhou e ainda desempenha o papel muitíssimo relevante nos seus falantes, por ser uma língua de união, de entendimento e da identidade nacional dos guineenses, língua este que é utilizado pela maioria da população. O objetivo da pesquisa buscará e apresentará os elementos e, as formas nas quais são produzidas o preconceito contra crioulo pelos estudantes não guineenses, tendo como justificativas para a discriminação que a língua portuguesa seria o elo da comunicação de todos estudantes da UNILAB e como também da a UNILAB ser um espaço da integração da lusofonia.

A Unilab recebe estudantes de cinco países da África, Moçambique, Angola, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, e um da Ásia Timor Leste. Destas comunidades residentes no estado do Ceará, a guineense é a mais numerosa, assim o uso do crioulo é bastante notório tanto na universidade quanto nos municípios de Redenção e Acarape. Conforme dados estatísticos da página web “Unilab”, o semestre 2022.2 tem 3.940 alunos de todos os cursos, em que estudantes brasileiros têm um 2.773, e um número 1.167 dos estudantes estrangeiros de toda nacionalidade que estão na Unilab. Do total dos estudantes estrangeiros ativos, verifica-se duas comunidades com maiores números, a primeira Guiné-Bissau com 12, 85%, com 396 alunos, e segunda a Angola 10, 74% com 331 alunos. Como mostram os dados, o crioulo é a segunda língua mais falada além do português; e refere-se a valorização e da salvaguarda da sua identidade linguística como prioridade no meio das outras existentes.

METODOLOGIA

A pesquisa baseou-se no método quantitativo, analisando de forma cuidadosa os estudos bibliográficos sobre o berço do crioulo na época da colonização e escravidão, e sobre o uso do crioulo e da sua expansão depois da luta de libertação nacional da Guiné-Bissau e da importância de utilização das línguas africanas, em específico crioulo guineense. Também a pesquisa contou com entrevistas feitas com estudantes de diferentes nacionalidades que compõem a UNILAB de 2022 a 2024, observações nos espaços universitário e fora dela (onde a comunidade acadêmica se encontram para realizarem outras atividades e lazeres, jogo, mercado, festas etc) e contou também com caderno de campo 2022 a 2024.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados presentes das observações etnográficas e das entrevistas, mostra que existe discriminação do crioulo exercida por pessoas da comunidade unilabiana que não são falantes da língua. Portanto, é notório o tratamento que o crioulo recebe por parte desses alunos: o crioulo foi associado como criador do conflito,



como algo negativo e fora do comum, as narrativas das pessoas entrevistadas mostra que quando é colocada a questão do idioma guineense, sempre os pesos que são voltados a eles é a negatividade, coisas que não acontecem com outras línguas dentro da universidade, (francês, inglês e espanhol). Entretanto, nas explicações das entrevistadas, todas elas mostraram que se sentiam incomodadas quando tinha alguém por perto falando crioulo. Numa das anotações do caderno de campo, feita na sala de aula da disciplina “Expressão artística e estética contemporânea” no dia 26\06\2022 no palmares 2, uma aluna angolana se dirigiu a mim o seguinte questionamento pelo facto de estarem se comunicando em crioulo, disse: “Diana, porque é que vocês guineenses gostam de falar crioulo, não devem fazer isso, não é bom. Devem falar o português.

Essa diferenciação que os estudantes têm se apresentados, tem a ver com questão complexa da colonização e da inferiorização que são ensinadas sobre o que é certo e o que seria errado, sobre o bem e o inútil, e isso acaba influenciando às pessoas a considerar certas línguas como inferiores ou menos úteis que outras.. Assim, maior parte dos estudantes não guineenses vêm apresentando uma inquietação, mostrando seus descontentamentos a respeito do uso do crioulo guineense nos cantos universitários, de modo que, se tornou um assunto de discussão cotidiana entre a comunidade unilabiana, exigindo uma explicação para seus falantes, e ao mesmo tempo mostrando inconformados com sua presença sonora na universidade. Desta forma, o preconceito dos estudantes contra a língua crioulo, pode ter ligação com a colonização europeia nos países colonizados que, discriminam e proibiam as línguas nacionais e incentivava o uso das línguas e costumes ocidental como certo e universal (Thiongo 1987, Apud. N’Gana , 2018, p. 100. [tradução comentada]). Entretanto, esses costumes, apesar de acabar a colonização, as autoridades locais adquiriram esse sistema que, o Aníbal Quijano (2005), chama de colonialidade do poder. Segundo ele, acabou a colonização, porém ainda continuou a permanecer a estrutura colonial que é o exemplo das pessoas que sem ser portuguesas, quase abandonaram suas línguas e tem o português como língua nacional. Em março de 2023, em resposta à pergunta “Qual foi a sua primeira impressão ao escutar a língua crioulo da Guiné-Bissau”, o entrevistado número cinco (5) de nacionalidade são tomense diz que o crioulo causou uma sensação estranha pela primeira vez que escutou e lhe fez pensar que era algo fora do comum”. Em seguida, afirmou que “o crioulo se torna negativo pelo simples fato de ser falado perante a presença dos brasileiros [porque] podem achar que estão falando algo de errado aos seus respeitos, com isso, traz um enorme desconforto e como também pode trazer conflito”

Assim, podemos analisar as palavras discriminatórias do entrevistado da seguinte forma, o crioulo foi associado como criador do conflito, como algo negativo é algo fora do comum, a explicação do entrevistado deixa explícito que quando é colocada a questão do idioma guineense, sempre os pesos que são voltados para ele é a negatividade, coisas que não acontece com as línguas citadas em cima que temos na academia. Essa diferenciação que os estudantes apresentam, tem a ver com questões complexas de colonização e da inferiorização que são ensinada sobre o certo e errada, sobre o bom e o inútil, e, isso acaba influenciando e interiorizando nesses indivíduos, conduzindo certos tipos de comportamento discriminatório, Diana Duarte Sá,(2023).

Ainda, o resultado vai apontar que os guineenses são a comunidade acadêmica que mais se comunica na sua língua, diferente das outras nacionalidades. Com isso, outro ponto que a bibliografia apresenta é a ligação do crioulo com guineenses, desde a luta da independência nacional até data presente, por que o crioulo foi umas das vitórias conquistadas dentro na luta nacional, serviu de mediador entre etnias que ocupam o território guineense deixando de lado suas diferenças linguísticas e unidos pela única língua (Embaló, 2002, p. 102). Ao mesmo tempo, o crioulo mostrou-se muito necessário no planejamento e nas estratégias contra o colono português, pois as notícias eram passadas ao longo de Bissau em idioma crioulo, para as populações estarem



cientes da situação que decorria.

O preconceito contra a língua crioula que existe na Unilab, também se verifica na bibliografia, quando a partir das leituras observamos que diversos autores citados por Barbosa (20215), apontam a possibilidade do crioulo ter sido criado fora do território de Guiné Bissau, em locais tão distantes como as ilhas de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe ou até Portugal. Um resultado importante deste debate bibliográfico é trazido por Alexandre Timbane (20218) que demonstra a origem do crioulo ser no atual território de Guiné Bissau e com uma forte impronta das línguas africanas.

O forte vínculo entre a população guineense e o crioulo, pode se explica a partir da sua história, pois foi considerada a língua da luta pela libertação nacional, motivo que levou a escolha, a decisão do crioulo como língua nacional depois da independência da Guiné-Bissau, visto que sua utilização evoluiu de maneira que acabou ocupando o país inteiro (Guiné-Bissau). Sendo língua do dia a dia dentro da sociedade: utilizada nas instituições públicas e assim com privadas mesmo tendo língua português como língua oficial e dos documentos, os documentos são explicados em crioulo quando tem um encontro com a população, é utilizado nas escolas de vez em quando tanto pelos professores como pelos alunos mesmo que a língua do ensino por lei é o português. Porque tem vezes que o professor utiliza crioulo como uns dos métodos de fazer aluno compreender a matéria dada e dela poder explicar o que aprendeu por que tem mais domínio no crioulo do que português, o mesmo acontece com os professores que de vez em quando não o utiliza só para facilitar alunos, mas, porque têm dificuldades de interpretar e passar o conteúdo em português.(Embaló, 2008, p. 102-103).

CONCLUSÕES

Enfim, os preconceitos linguístico (CASSAMA, 2020, p. 48)) contra o crioulo guineenses dão no fato do crioulo ser uma língua não Europeia ou ocidental, motivo que causa um incomodo ao conviverem com crioulo na Unilab, essa discriminação se entende também por outro lado, a diferença da situação linguística dos estudantes dentro dos seus países, diferença de peso que uma língua tem sobre outro, diferença de qual língua é mais valorizada. A maneira de ver e entender como as línguas africanas ainda são menosprezadas. Também mostra como são as pressões sociais para que os próprios falantes abandonassem suas línguas, lutando com o apagamento através da exclusão do seu uso no papel e na escrita, no mundo científico e na literatura, enfatizando aos seus falantes como ela seria ruim ou sem importância.

Por fim, os estudantes guineenses mostram que falar crioulo não é uma questão do gosto, mas sim, é uma decisão de existir, de representação nacional, identitária e guieendade, seja dentro ou fora do seu território. Ainda a comunidade guineense mostra que uma língua só tem valor através do uso, e que esse valor linguístico não se restringe a um determinado espaço geográfico, mas sim, o que dá valor de um grupo linguístico são seus falantes, e esses grupos linguísticos não precisam estar nos seus territórios de origem, não precisam atingir um determinado número maior para serem considerados e terem autorização de falar na sua língua(Declaração Universal dos Direitos Linguístico (1996), no seu artigo artigo 7º dos princípios gerais). Porque aquilo que dá vida e sentido de uma língua são seus próprios falantes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ser meu suporte e sustento durante esse processo acadêmica ,pelo conhecimento adquirido e pelo crescimento acadêmica. Este projeto expressa seu agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa intitulada Materiais



didáticos para o ensino de história de África e relações de gênero no Maciço de Baturité-CE e executada entre 4 de Abril 2022 até Janeiro 2024 por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e Tecnológica (Pibiti), da Unilab, coordenado pela prof. Dra. Natalia Cabanillas, professora do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e coordenadora do Projeto de pesquisa Gênero (s) e Feminismo (s) na África Global (BPI/FUNCAP).

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BARBOSA, José Augusto. LÍNGUA E DESENVOLVIMENTO: O CASO DA GUINÉ-BISSAU. Dissertação (Mestrado em línguas e culturas portuguesas)- faculdade de letras, Universidade de Lisboa. 2015.
- CASSAMA, Vitor. ENTRE AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E PRECONCEITO: UMADISCUSSÃO SOBRE O CRIOLLO DE GUINÉ-BISSAU. TCC (Graduação em Letras-Línguas Portuguesa)- Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. SÃO FRANCISCO DE CONDE, 2020, p. 48-55.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS, Barcelona, 1996. Disponível em: [dec_universal_direitos_linguisticos.PDF \(dhnet.org.br\)](#) Acesso 15 de novembro de 2023.
- Duarte, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Caderno de pesquisa, Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. n. 115, p. 139-154, 2002.
- DUARTE SÁ, Diana: O CRIOLLO DE GUINÉ BISSAU NOS CAMPUS DA CEARÁ- UNILAB, 2022-2023. 24p. (Trabalho de Conclusão de Curso) Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, Ceará, 2023.
- EMBALÓ, Filomena. O CRIOLLO DA GUINÉ-BISSAU: LÍNGUA NACIONAL E FACTOR DA IDENTIDADE NACIONAL. PAPIA 18, 2008.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Recenseamento geral da população e habitação 2008. Bissau, 2009.
- INTIPI, Bernardo Alexandre. Unidade Linguística na diversidade linguística: O caso do GUINÉ-BISSAU. TCC (Graduação em Letras-Língua Portuguesa)- Instituto de Humanidades e Letras, Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. SÃO FRANCISCO DO CONDE, 2018.
- N'GANA, Yéo. Uma tradução de Décoloniser l'esprit de Ngugi wa thiong'o: RÓNAI: REVISTA DE ESTUDOS CLÁSSICOS TRADUTÓRIOS-2018 V.6 N.2-pp.93-102 UFJF- JUIZ DE FORA.
- ORGANIZAÇÃO UNIÃO AFRICANA. Carta Africana dos direitos humanos e dos povos. Monrovia, 1979. Disponível em: [Carta_Africana_dos_Direitos_Humanos_e_dos_Povos.pdf \(caicc.org.mz\)](#) .
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina¹. A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais-Perspectivas Latino americanas. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.